

# Bruce Lee nas telas – O “Pequeno Dragão” enlaça com seu corpo marcial Oriente e Ocidente

**Bruce Lee on the screens – The martial body of the “Little  
Dragon” embraces the East and the West**

*Maria Brígida de Miranda<sup>1</sup>*

## Resumo

Este artigo busca refletir sobre como o espetáculo do corpo treinado, conjugado ao universo dramático de personagens heroicos e a diálogos inspirados em noções como a de “não ação”, organiza e constrói o nosso imaginário sobre o Oriente, o sagrado e as artes marciais. É possível pensar que, antecedendo as leituras dos escritos mais conhecidos de Antonin Artaud, Jerzy Grotowski, Peter Brook ou Eugenio Barba sobre o teatro em culturas asiáticas, o olhar para o Oriente, na América Latina, fez-se pela corporeidade de atores em filmes de ficção. Seria plausível dizer que foi por meio do cinema que se entrou em contato com as primeiras noções de práticas e filosofias orientais. O virtuosismo marcial de atores como Bruce Lee (1940-1973) colocou a plateia fílmica em contato com um universo de cultivo do corpo imerso em noções Taoistas e Budistas.

**Palavras-chave:** Ator; Bruce Lee; Artes Marciais; Kung Fu; Filme.

## Abstract

In this article I reflect on how the spectacle of the trained body combined with the realm of heroic characters and dialogues inspired by notions such as “non-action” builds up our imaginary about the East, the sacred and the martial arts. It is reasonable to consider that before we encountered the most well-known writings on Asian theatre by Antonin Artaud, Jerzy Grotowski, Peter Brook and Eugenio Barba, our Latin American gaze on the East was shaped by the performances of actors in feature-films. It is also plausible that it was through the cinema that we were introduced to the first notions about practices and philosophies of the far East. The martial “virtuouse” of actors such as Bruce Lee (1940-1973) introduced the cinema’s audiences to a realm of body-cultivation embedded in Buddhist and Taoist beliefs.

**Keywords:** Actor; Bruce Lee; Martial Arts; Kung Fu; Film

ISSN: 1414.5731  
E-ISSN: 2358.6958

---

<sup>1</sup> Professora Doutora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atuando no Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT/UDESC). Florianópolis, SC, Brasil. [brigidademiranda@gmail.com](mailto:brigidademiranda@gmail.com)

*Virá, impávido que nem Muhammad Ali, virá que eu vi  
Apaixonadamente como Peri, virá que eu vi  
Tranquilo e infalível como Bruce Lee, virá que eu vi  
O axé do afoxé, filhos de Ghandi, virá  
(Caetano Veloso. Um Índio. 1976 – Doces Bárbaros)*



Bruce Lee no filme *Way of the Dragon* (1972) - Crédito: AFP/Getty Images <sup>2</sup>

## Bruce Lee<sup>3</sup> em Pitangui

No início dos anos de 1980, no interior de Minas Gerais, eu caminhava pelas ladeiras da cidade centenária, sétima Vila do Ouro e antiga Velha Serrana, para ir ao colégio, onde cursava o primeiro grau. Pitangui, a cidade, fundada em 1715, já havia naquela década perdido grande parte de seu complexo arquitetônico colonial, incluindo o prédio do teatro — reformado e transformado em sede dos Correios e Telégrafos — e a “Igreja dos Negros”, que foi vendida pela Igreja Católica ao Estado, talvez com o objetivo de desestruturar a congregação de afrodescendentes da cidade. Desconhecendo a história política da cidade, eu passava por casarões coloniais em ruínas e por duas igrejas católicas. A cada vez que avistava o pórtico da igreja, eu levava a mão direita à testa e executava o “sinal da cruz”. Esse gesto, que eu havia aprendido com meus pais e minhas tias, marcava o início e o fim das orações de um terço (ou do rosário, quando havia mais tempo); já o ato particular, mas feito em público, executado ao passar por locais sagrados católicos, aprendi com minhas colegas de escola. Recordo-me de vê-las fazendo o gesto e explicarem que aquele era um sinal de respeito e devoção pelo Cristo vivo na hóstia consagrada. Dessa maneira, o meu

<sup>2</sup>Fonte: <[https://www.google.com.br/search?q=bruce+lee&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiPm9\\_Mk7bLAhWGf5AKHWxrBI4Q\\_AUICCGC&biw=1280&bih=672#imgrc=w\\_TvmgkHPFwYNM%3A](https://www.google.com.br/search?q=bruce+lee&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiPm9_Mk7bLAhWGf5AKHWxrBI4Q_AUICCGC&biw=1280&bih=672#imgrc=w_TvmgkHPFwYNM%3A)>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>3</sup> Bruce Lee nasceu no dia 27 de novembro de 1940 — ano que no calendário chinês corresponde ao “Ano do Dragão” —, entre as 6h e 8h, período que compreende as horas governadas por ele. (Lee, 1989). O nome artístico de Bruce Lee no cinema de Hong Kong significa “Pequeno Dragão” — Li Xiaolong (李小龍; Xiaolong). [https://en.wikipedia.org/wiki/Bruce\\_Lee](https://en.wikipedia.org/wiki/Bruce_Lee).

trajeto de ir e vir à escola era marcado por quatro repetições daquela ação simbólica, uma performance pública da minha devoção cristã.

No entanto, minha rota diária não incluía apenas a passagem pelos pontos sacros; contemplava também o caminhar em frente ao Cine Pitanguí, o único cinema remanescente da cidade, já que o cinema da Fábrica de Tecidos Santanense — criado para o entretenimento e a formação cultural dos operários e suas famílias, como era o caso da minha — tinha sido desativado. Lembro-me do constrangimento ao ver sobre os chasis de madeira os cartazes dos filmes da noite, com apenas dois gêneros divulgados na programação: uma porno-chanchada e um filme de ação. De relance, via por entre as grades do hall do cinema pôsteres de westerns ou de filmes com rostos asiáticos.

Inadvertidamente, eu testemunhava naquele início dos anos de 1980 o que foi a decadência dos cinemas de rua. A programação do cinema local refletia um fenômeno nacional, caracterizado por uma fase de produção brasileira quase que limitada aos filmes da “boca-do-lixo” e pela importação de títulos de baixo orçamento, conhecidos popularmente como filmes de “sexo e karatê”<sup>4</sup>. Além disso, também testemunhava outro fenômeno curioso: a popularização de uma arte marcial de origem chinesa, o Kung Fu<sup>5</sup>. Em muitos daqueles cartazes de cinema repetia-se o rosto de Bruce Lee, nome que chegou a se tornar rima na música popular brasileira, na composição *Um Índio* (1976), de Caetano Veloso.

### Um corpo “entre-lugares”

A história de Lee conjuga a prática marcial à arte de atuação, assim como a cultura ocidental à oriental. Filho de Grace Ho e de Lee Hoi-Chuen, famoso ator da Ópera de Hong-Kong e de inúmeros filmes cantoneses<sup>6</sup>, Lee nasceu em São Francisco, Califórnia, em 1940, ano em que seu pai realizava turnê pelos Estados Unidos da América (Lee, 1989) — um golpe de sorte que lhe possibilitou a dupla cidadania<sup>7</sup>. A etnia e a nacionalidade de Lee têm suscitado reflexões acadêmicas intrigantes sobre noções de identidade cultural, colocando Lee como uma identidade fronteira<sup>8</sup>.

Paul Bowman (2016) investiga a partir dos estudos culturais o potencial de desestabilização desse artista de origem étnica euroasiática, nascido nos Estados Unidos e criado na colônia britânica de Hong Kong, tendo, assim, como primeira língua o cantonês. A reflexão de Bowman poderia ser ampliada para desafiar os as noções de uma identidade artística estável, uma vez que esse corpo de identidade “múltipla, móvel e migrante” (Bowman, 2016) mesmerizou plateias no Ocidente e no Oriente com uma pequena filmografia<sup>9</sup> do gênero ação/artes marciais, mas com um impacto

4 A expressão popular tornou-se o título de uma música da banda de punk-rock brasileiro Plebe Rude. André X e Jander Bilaphara, 1985. Ouça a música em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zoA8CB1A170>>

5 Kung Fu (Gong Fu ou Gung Fu) é um termo genérico e amplamente difundido para referir-se a uma miríade de artes marciais de origem chinesa. Neste artigo, uso o termo no seu amplo espectro e por vezes correlacionando-o a escolas, linhagens e estilos específicos de artes marciais chinesas. Fui praticante de Kung Fu do estilo tradicional Wing Chun, em Melbourne, Austrália, de 2000 a 2003, na escola do grão-mestre William Cheung. Mestre nascido em Hong Kong em 1940 e discípulo direto de Yip Man, Cheung foi colega de Bruce Lee e afirma que foi o introdutor e tutor do jovem Lee no regime de treinamento de Wing Chun, de 1954 a 1958. Cheung emigrou para a Austrália em 1959. Para saber mais sobre William Cheung e Wing Chun, acesse: <<http://www.cheungwingchun.com/>>

6 Acesse a filmografia de Lee Hoi-Chuen em: <[http://hkmbd.com/db/people/view.mhtml?id=944&display\\_set=eng](http://hkmbd.com/db/people/view.mhtml?id=944&display_set=eng)>

7 Segundo Paul Bowman, professor da área de estudos culturais na University de Cardiff, com extensa bibliografia explorando questões sobre identidade cultural, Bruce Lee teria se candidatado à cidadania estadunidense num período em que o país abriu essa oportunidade para os nascidos em solo nacional, contanto que prestassem o serviço militar. Lee alistou-se, mas não chegou a servir nas Forças Armadas, pois foi reprovado no exame médico (Bowman, 2016, p. 8).

8 Grace Ho, mãe de Lee, era descendente de chineses e alemães. A avó de Ho era germânica. <[https://en.wikipedia.org/wiki/Bruce\\_Lee#cite\\_note-14](https://en.wikipedia.org/wiki/Bruce_Lee#cite_note-14)>

9 Bruce Lee é creditado como ator em 32 filmes no site da IMDb, mas deste montante apenas cinco filmes são longas-metragens do gênero ação/artes marciais.

tão forte e duradouro como o seu famoso soco a uma polegada de distância<sup>10</sup>.

Lee transitou nas práticas psicofísicas com a mesma sinuosidade dos mitológicos dragões alados: ator de filmes de aventura e um espetacular artista marcial, premiado dançarino de chá-chá-chá, professor de Kung Fu, cineasta, escritor, poeta e um estudioso da filosofia oriental. Produziu nos veículos de cultura midiática tanto performances corporais, inaugurando um novo estilo cinematográfico de estética da violência, como performances discursivas sobre o cultivo do corpo a partir de noções filosóficas Taoistas e Budistas.

A performance corporal de Lee tinha origem num ambiente de família que cultivava as artes da cena e da marcialidade. O pai de Lee atuava em um gênero dramático de elaborada codificação — típico dos estilos de ópera chinesa. Como estudioso da prática teatral, sabemos que essas formas artísticas tradicionais requerem do artista um treinamento rigoroso e prolongado para chegar à maestria. No caso da ópera cantonesa, o treinamento começa na infância e perpassa cinco áreas de estudo, quais sejam: canto; dança; interpretação; acrobacia e artes marciais<sup>11</sup>. Lee Hoi-Chuen introduziu Bruce Lee no teatro, no cinema e nas artes marciais. O Pequeno Dragão entrou em cena pela primeira vez em 1941, nos braços do pai, e “atuou em mais de 20 filmes antes de completar 18 anos”<sup>12</sup>. Para os fãs do ator sino-americano, assistir aos filmes desta época pode ser uma atividade curiosa. No entanto, foram os filmes da década de 1970 que consagraram o ator como estrela de filmes de ação em Hong Kong, nos Estados Unidos da América e em inúmeros outros países, tanto no Ocidente como no Oriente. Não seria exagero dizer que Lee, a partir da década de 1970, tornou-se parte da cultura de massa. Pode-se facilmente ver a imagem do ator sino-americano estampada em uma série de produtos como pôsteres, postais e camisetas, ao lado de imagens de outros ícones de uma cultura pop, como James Dean e Marilyn Monroe. A *Revista Time*, em 2005, elegeu Lee como uma das “100 personalidades mais influentes do século XX”<sup>13</sup>. Curioso que ele não está na categoria “artistas”, cujos eleitos são, por exemplo, Coco Chanel e Marlon Brando, mas na categoria de “heróis e ícones”, ao lado do guerrilheiro argentino Che Guevara, do boxeador profissional Muhammad Ali, da beata Madre Tereza de Calcutá e dos políticos da família Kennedy.

Vale pensar que o *status* pretensamente “universal” conferido pelo periódico estadunidense de “herói e ícone” foi dado a um ator que promoveu de forma virtuosística o Kung Fu chinês nos filmes de ação com recordes de bilheteria ao redor do

---

Lee destacou-se por sua virtuosidade marcial na televisão estadunidense, ao participar como ator coadjuvante ou ator convidado em algumas séries televisivas, sendo as principais: *Longstreet* (como Li Tsung) — quatro episódios; *The Green Hornet* (26 episódios de 1966 a 1967), veiculada no Brasil com o título *Besouro Verde*. Nesta série, Lee fazia o personagem Kato (Gato), e fez ao lado do personagem *Besouro Verde* participações especiais na série televisiva *Batman*, mais especificamente, em três episódios nos anos de 1966 a 1967. Para mais informações, acesse o site da IMDb. Página: Bruce Lee. <<http://www.imdb.com/name/nm0000045/>>  
10 “*One-inch punch*” é uma técnica de treinamento de potência de soco que foi popularizada por Bruce Lee em demonstrações públicas e filmadas como as do *Long Beach International Karate*

11 “Na ópera chinesa, o treinamento dos *performers* encontra-se organizado em “quatro habilidades” e “cinco métodos”. O primeiro consiste no treinamento vocal e dramático: “canto, atuação e movimento, saber dar as falas de acordo com as ‘vozes dos personagens-tipo’, e as habilidades marciais e ginásticas, já os ‘cinco métodos’ são categorias associadas a partes específicas do corpo: mãos, olhos, corpo, cabelo, pés e técnicas de caminhada.” (Tradução nossa). *The Cultural Entertainment of China. Entertainment. Chinese Opera. Cantonese Opera*. <<http://www.ibiblio.org/chineseculture/contents/entr/p-entr-c01s03.html>>

12 Site oficial da *Bruce Lee Foundation*. Página: *Biography*. “*He was a child actor under the tutelage of his father who must have known from an early age that Bruce had a streak of showmanship. Bruce’s very first role was as a babe in arms as he was carried onto the stage. By the time he was 18, he had appeared in 20 films.*” Autor não informado. <<http://www.bruceleefoundation.com/index.cfm/pid/10585>>

13 *Revista Time* 18/4/2005 (v. 165, n. 16). Apud Observatório da Imprensa. Acesso em 27 de janeiro e 2016. ISSN 1519-7670 - Ano 19 - n. 887. Em 1999, a *Revista Time*, de 14 de junho de 1999, v. 153, n. 23, edição especial “*Heroes and Icons of the 20th Century*”, já havia incluído Lee em sua lista dos 100 heróis e ícones do século XX. <<http://content.time.com/time/magazine/0,9263,7601990614,00.html>>

mundo. Em 1971, por exemplo, *The Big Boss*<sup>14</sup> (lançado no Brasil com o título *O Dragão Chinês*), teve maior bilheteria nos países do Sudeste Asiático<sup>15</sup>. Do mesmo modo, com os longas-metragens *Fist of Fury*<sup>16</sup> (lançado no Brasil com o título *A Fúria do Dragão*), *The Way of the Dragon*<sup>17</sup> (lançado no Brasil com o título *O Vôo do Dragão*) e *Enter the Dragon*<sup>18</sup> (lançado no Brasil com o título *Operação Dragão*), Lee consagrou-se internacionalmente<sup>19</sup>. Phillip Zarrilli, pesquisador teatral estadunidense e especialista na aplicação da prática marcial indiana *Kalaripayattu* para o treinamento de atores ocidentais, comenta como as películas de Lee popularizaram práticas marciais de diferentes origens asiáticas, inclusive o Karatê japonês na Índia na década de 1970 (Zarrilli, 1989, p. 1290).

Fenômeno parecido ocorreu em países ocidentais como o Brasil. O famoso refrão da música cantada pelos Doces Bárbaros é um indicativo do imaginário brasileiro sobre os dois “heróis” da cultura midiática da época. Lee e o boxeador afro-americano Ali eram os homens não brancos que representavam seres heroicos e cujas lutas pertenciam ao reino do espetáculo. Enquanto Ali lutava profissionalmente nos eventos de boxe, Lee interpretava o lutador solitário em busca de justiça em filmes de ficção. As películas e séries de televisão com o ator sino-americano, exibidas em diferentes pontos do mundo — de Nova Deli a Pitangui —, carregam em suas lutas coreografadas os movimentos do Kung Fu chinês. Esse é um ponto sobre o qual podemos refletir, em especial, investigando como as histórias da origem e do desenvolvimento do Kung Fu estão amalgamadas à chegada do Budismo na China.



Bruce Lee no filme *Enter the Dragon* (1973). Na famosa cena dos espelhos, a imagem de Lee é fragmentada e multiplicada por centenas de espelhos distribuídos no set de filmagem<sup>20</sup>

14 Título original *Tang sha da xiong* (1971) — (A.K.A. “The Big Boss”), direção de Wei Lo. IMDb. Bruce Lee Biography. <[http://www.imdb.com/name/nm0000045/bio?ref\\_nm\\_ov\\_bio\\_sm](http://www.imdb.com/name/nm0000045/bio?ref_nm_ov_bio_sm)> Documentário da BBC *The Greatest Marcial Arts Genius of All Times*. BBC Documentary. <<https://www.youtube.com/watch?v=jou7zPIFufA>>

15 Documentário da BBC *The Greatest Marcial Arts Genius of All Times*. BBC Documentary. <<https://www.youtube.com/watch?v=jou7zPIFufA>>

16 Título original *Fist of Fury* (1972) (A.K.A. “The Chinese Connection”, A.K.A. “Fist of Fury”), dirigido por Wei Lo e protagonizado por Bruce Lee. IMDb. Bruce Lee Biography. <[http://www.imdb.com/name/nm0000045/bio?ref\\_nm\\_ov\\_bio\\_sm](http://www.imdb.com/name/nm0000045/bio?ref_nm_ov_bio_sm)>

17 Título original *Meng long guojiang* (1972) — (A.K.A. “Way of the Dragon”, A.K.A. “Return of The Dragon”). Escrito, dirigido e protagonizado por Bruce Lee. IMDb. Bruce Lee Biography. <[http://www.imdb.com/name/nm0000045/bio?ref\\_nm\\_ov\\_bio\\_sm](http://www.imdb.com/name/nm0000045/bio?ref_nm_ov_bio_sm)>

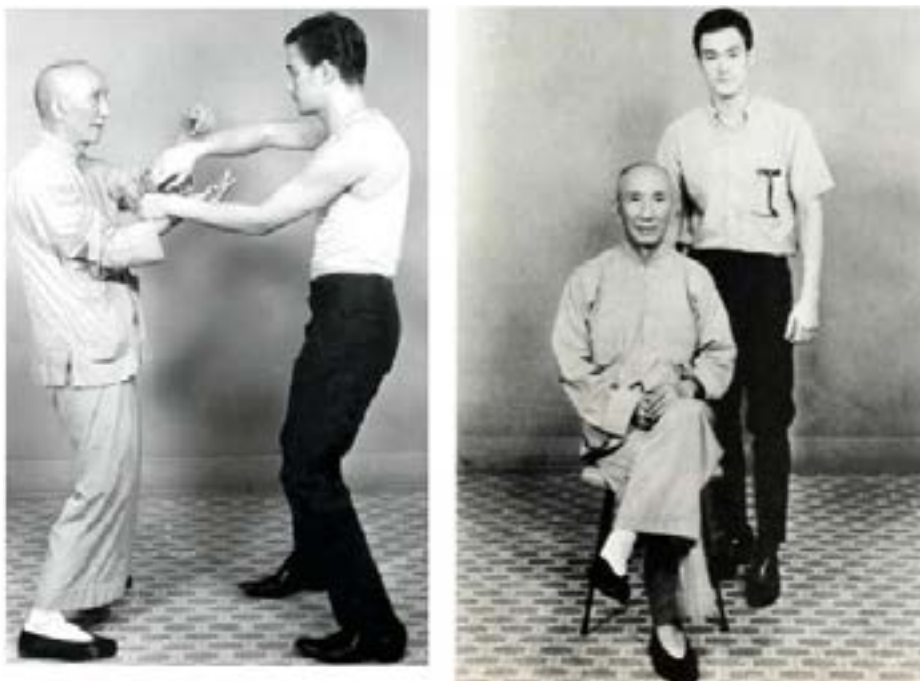
18 *Enter the Dragon* (1973), protagonizado por Lee (personagem: Lee), foi o primeiro filme de ação produzido conjuntamente pela Golden Harvest, Warner Bros., Concord Productions Inc. (Hong Kong e EUA). Dirigido por Robert Clouse. Roteiro de Michael Allin. IMDb. Bruce Lee Biography. <<http://www.imdb.com/title/tt0070034/>>

19 Segundo Francine Stock (2011), a principal produtora de filmes de ação de Hong Kong, Golden Harvest, foi a primeira produtora asiática a fechar negócio com Hollywood, em 1973, para a produção de filmes marciais em língua inglesa. O primeiro filme foi *Enter the Dragon* (1973), lançado no Brasil como *Operação Dragão*, com Bruce Lee no papel principal.

20 Fonte: <<http://cdn-media-2.lifehack.org/wp-content/files/2014/10/Enter-the-Dragon-bruce-lee-27110855-1279-632.png>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

## O Pequeno Dragão descende de uma monja guerreira

Quando Lee, aos 18 anos, migrou para os Estados Unidos da América, ele começou a dar lições de Kung Fu chinês para entusiastas estadunidenses. No início da década de 1960, abriu escolas em Seattle e no campus da *University of Washington*<sup>21</sup>, onde ensinava técnicas de Wing Chun Kuen — estilo de Kung Fu reconhecido por sua eficácia no combate de mãos livres (sem uso de armas brancas, como espada, bastão e facão). O treinamento de Lee em Wing Chun começou aos 13 anos, na escola de Yip Man, em Hong Kong. Imigrante chinês<sup>22</sup>, Yip tornou-se um mestre reverenciado mundialmente, uma vez que alguns de seus alunos abriram escolas em países como Austrália<sup>23</sup> e Estados Unidos da América. Tal difusão internacional, inclusive aquela gerada pelo fenômeno Lee, por sua vez, promoveu Yip a personagem heroico em filmes biográficos, *Yip Man* (2008), dirigido por Wilson Yip, e *The Grandmaster* (2013), do aclamado diretor Wong Kar-wai.



Bruce Lee treinando Wing Chun (a técnica Chi Sao) com o Grão-Mestre Yip Man<sup>24</sup>

Esses filmes, premiados tanto no Ocidente quanto no Oriente, fazem referências à origem deste estilo de combate corpo a corpo. Quem teria criado essa forma que se destaca por seus movimentos curtos e diretos e que potencializa a força de pessoas de pequena estatura como Lee? A invenção do estilo Wing Chun Kuen, assim como de outros incontáveis estilos de Kung Fu, carece de registros documentais; por outro lado, há uma pletora de narrativas lendárias. Muitas dessas narrativas são a base para a produção de longas-metragens que visam também a plateias no Ocidente.

21 Site oficial da Bruce Lee Foundation. Página: Biography. <<http://www.bruceleefoundation.com/index.cfm/pid/10585>> Documentário da BBC The Greatest Martial Arts Genius of All Times. BBC Documentary. 1989. <<https://www.youtube.com/watch?v=jou7zPIFufA>>

22 Observo que Hong Kong pertenceu à Inglaterra do século XIX até o ano de 1997, quando, em 1º de julho deste mesmo ano, voltou a integrar o governo chinês. Por isso se diz que Yip era um imigrante chinês em Hong Kong da primeira metade do século XX.

23 William Cheung, colega e amigo de Lee em Hong Kong, migrou para a Austrália na década de 1960 e abriu a primeira escola do estilo Wing Chun em Melbourne.

24 Fonte: <<https://ruzhiwashere.files.wordpress.com/2013/01/ipmanandbruce.jpg>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

Digno de nota, do ponto de vista dos estudos de gênero, a história mais comumente divulgada nas escolas deste Wing Chun é que ele foi criado por uma mulher, a monja Ng Mui, durante a dinastia Qing, no também lendário Templo Shaolin do Sul. Aliás, ela foi tema do longa-metragem *Kung Fu Wing Chun* (2010), com a premiada atriz cantonesa Kara Hui no papel de Ng Mui.

Michel Foucault (1995) aponta o modo como práticas disciplinares de autocul-tivo floresceram ao longo dos séculos em espaços de reclusão, especialmente em mosteiros. Mas é de se perguntar como uma prática marcial pode florescer em um mosteiro Budista. Afinal, como e por que monges que seguem a doutrina do não conflito cultivam práticas de combate? Essa é uma das questões exploradas pelo pesquisador Meir Shahar, em seu livro *O Mosteiro de Shaolin* (2011). Traçando os 15 séculos de história do mosteiro de Budismo Chan, em atividade até hoje, Shahar mostra a partir de uma profusão de fontes documentais de acervos monásticos, militares e governamentais os desdobramentos das origens sagradas do Kung Fu e de outras artes marciais como o Tai Chi Chuan. O autor não deixa de dar o devido tratamento às narrativas lendárias que demarcam o Mosteiro de Shaolin<sup>25</sup> como o berço do Kung Fu, e o Mosteiro Wudan como o local de nascimento do Tai Chi Chuan. No arcabouço lendário chinês, cada prática marcial teria sido criada por seres iluminados: Bodhidharma, o pai do Kung Fu e Chang San Feng, o pai do Tai Chi Chuan.

Vale notar que a permanência desses mitos ao longo da história, assim como dos mitos gregos, romanos etc., vinculam-se a reinterações e reinvenções em formas literárias e dramáticas. Na China, a “ficção das artes marciais” é um gênero literário específico nomeado *wuxia xiaoshuo* (Shahar, 2011, p. 95) cujo protagonista é um herói marcial. Shahar mapeia inúmeras obras literárias e dramáticas sobre os monges marciais de Shaolin. Romances, poesias, peças teatrais e performances artísticas teriam sido os principais veículos de popularização dos corpos “tranquilos e infalíveis” dos monges de Shaolin.

Além da divulgação pela palavra, os feitos corporais dos monges tinham nos próprios mosteiros os palcos para sua exibição pública das artes marciais. Os templos eram espaços de espetáculos que atraíam forasteiros e toda a comunidade local, segundo Shahar (2011, p. 110):

Os artistas marciais frequentemente ganhavam a vida oferecendo apresentações públicas em suas dependências. Assim como outros artistas integrantes dos “rios e lagos” — atores, cantores e contadores de histórias — viajavam de um santuário a outro, apresentando-se em dias de festa como, por exemplo o aniversário das divindades locais.

Shahar (2011) explica que, na história da China, os templos — fossem eles Budistas, Taoistas ou de outras ordens religiosas — funcionavam como hospedaria para a “classe dos rios e lagos” — uma metáfora para artistas itinerantes que viajavam de barco pelos rios e lagos na China. Do ponto de vista dos estudos teatrais e da performance, vale a pena entender que os templos davam a todos os artistas “espaço para demonstrar a sua arte” (Shahar, 2011, p. 109). Essa abertura dos mosteiros e tem-

<sup>25</sup> O Mosteiro de Shaolin, localizado no condado de Dengfeng, província de Henan, China, recebeu da UNESCO o título de Patrimônio Mundial da Humanidade (Shahar, 2011, p. 63).



plos propiciava espaços dinâmicos de troca entre o sagrado e o profano, entre artes marciais, práticas meditativas e artes da cena.

Esse entrelaçamento de práticas pode ser observado também nas narrativas sobre a genealogia do Wing Chun Kuen. Segundo Chu, Ritchie e Wu (1998), as lendas sobre a linhagem de Ng Mui a conectam à Red Junk Opera (Ópera do Barco Vermelho). Especula-se que um dos atores da companhia havia aprendido a técnica de combate com Ng Mui e teria passado os conhecimentos a seus colegas, que se tornaram, por sua vez, praticantes e inovadores do Wing Chun.

Nesse sentido, Lee não parece fugir de uma tradição cultural em que o marcial e o sagrado misturam-se no reino das artes dramáticas. O que repercute para o Ocidente o mito da lendária linhagem criada pela monja Ng Mui é a corporeidade do ator em performance.



Cena do filme Enter the Dragon (1973). Bruce Lee como o personagem Lee conversa com o abade de Shaolin interpretado por Roy Chiao<sup>26</sup>

## Kung Fu para atores hollywoodianos

Por volta de 1966, em Chinatown, Los Angeles, Lee abriu o *The Jun Fan Gong Fu Institute*, uma pequena escola cujos estudantes eram majoritariamente convidados, muitos deles atores e outros artistas do cinema hollywoodiano, como Steve McQueen, James Coburn e Roman Polanski<sup>27</sup>. Quando perguntado sobre a razão de os atores famosos quererem aprender artes marciais, Lee respondia: “eles querem aprender a se expressar”<sup>28</sup> (Lee; Berton, 1971). Saber se expressar é algo esperado de qualquer ator ocidental, mas é intrigante que o caminho do aprendizado seja uma prática marcial. Na visão de Lee, atores — como ele próprio — buscavam algo além do aprendizado de técnicas de combate físico. O regime físico da prática marcial pode levar a outro reino — o da autodescoberta. E essa parecia ser uma questão pessoal que Lee

<sup>26</sup> Fonte: <[https://www.google.com.br/search?q=bruce+lee&tbm=isch&imgil=y1jJOG3DtFna-M%253A%253BBN9M5c2MGn2eyM%253Bhttps%25253A%-25252F%25252Fthehande.wordpress.com%25252F2014%25252F01%25252F18%25252Ftop-5-bruce-lee-movies%25252F&source=iu&pf=m&fir=y1jJOG3DtFna-M%253A%252CBN9M5c2MGn2eyM%252C\\_&usg=\\_\\_Lm065thVI6t2hFRjO8uRyKMHKWA%3D&biw=1280&bih=672&ved=0ahUKEwiPm9\\_Mk7bLAhWG-f5AKHWxrBI4QyjclgwE&ei=Am3hVo-SEIb\\_wQTs1pHwCA#tbm=isch&q=bruce+lee+abbot&imgcr=IIEEiRXHVNZkGM%3D](https://www.google.com.br/search?q=bruce+lee&tbm=isch&imgil=y1jJOG3DtFna-M%253A%253BBN9M5c2MGn2eyM%253Bhttps%25253A%-25252F%25252Fthehande.wordpress.com%25252F2014%25252F01%25252F18%25252Ftop-5-bruce-lee-movies%25252F&source=iu&pf=m&fir=y1jJOG3DtFna-M%253A%252CBN9M5c2MGn2eyM%252C_&usg=__Lm065thVI6t2hFRjO8uRyKMHKWA%3D&biw=1280&bih=672&ved=0ahUKEwiPm9_Mk7bLAhWG-f5AKHWxrBI4QyjclgwE&ei=Am3hVo-SEIb_wQTs1pHwCA#tbm=isch&q=bruce+lee+abbot&imgcr=IIEEiRXHVNZkGM%3D)>. Acesso em: 10 fev. 2016.

<sup>27</sup> Informações a partir de entrevistas concedidas por ex-alunos de Bruce Lee ao documentário da BBC. *The Greatest Martial Arts Genius of All Times*. BBC Documentary. <<https://www.youtube.com/watch?v=jou7zPIFufA>>

<sup>28</sup> “They want to learn to express themselves” (Tradução da autora). “Bruce Lee: The Lost Interview” é o título dado à entrevista concedida em inglês por Bruce Lee a Pierre Berton, no programa da televisão canadense *The Pierre Berton Show*, mais especificamente na edição do dia 9 de dezembro de 1971. A entrevista recebeu esse título anos depois e foi levada ao ar novamente em 2 de novembro de 1994. Atualmente, o filme completo ou excertos estão disponíveis na web em diferentes endereços. O arquivo consultado para a redação deste artigo encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M7i-M1HVGKs>>

colocava da seguinte forma: “aqui estou eu como um ser humano, como eu posso me expressar?”<sup>29</sup>

O discurso de Lee revela a busca de uma autoexpressão “honesta [...] e com sinceridade” (Lee; Berton, 1971)<sup>30</sup> cujo corpo é visto como veículo da expressão genuína e pessoal, que é conquistada por meio de um diligente treinamento psicofísico. As artes marciais foram as práticas escolhidas para essa autoexpressão.<sup>31</sup> No caso de Lee, o território dessa autoexpressão não são as típicas arenas marciais — os ringues esportivos e campeonatos de luta, ou os campos de batalha e quartéis de treinamento de soldados —, mas sim o espaço da sala de aula-treino — o *Dào chǎng* — e o espaço da produção do espetáculo fílmico — o set de filmagem. A ideia de “cultivo de si” enquanto autoconhecimento permeava o treinamento. Nesse caminho, vários atores encontraram em Lee um mestre que percebia a prática marcial além do sentido utilitarista da defesa pessoal, ou virtuosidade física, mas como técnica de autocultivo. Ao discorrer sobre a busca de seus colegas atores, Lee relacionava autocultivo à prática marcial: “todo tipo de conhecimento significa autoconhecimento [...] eles me pedem para ensiná-los como se defender, se expressar pelo movimento” (Lee; Berton, 1971)<sup>32</sup>.

É amplamente divulgado nos fóruns de artes marciais o caminho trilhado por Lee para conquistar essa livre expressão dos movimentos. Lee era um pesquisador incansável e não seguiu a etiqueta de fidelidade, nem uma linhagem, nem uma pátria. Conhecia sequências de movimentos, as chamadas “formas” ou “*kati*” de diferentes estilos de Kung Fu e Tai Chi Chuan. Há diversos relatos de como ele pesquisou artes marciais não apenas de origem chinesa mas de outros contextos culturais como o Tae-Ken-Do coreano, o Judô e o Karatê japoneses. Segundo o ator e campeão mundial de Karatê Chuck Norris, Lee era um “viciado em treino”.<sup>33</sup> Ele rememora como os dois treinavam juntos e trocavam técnicas de luta. Segundo Norris, Lee não acreditava em chutes acima da linha da cintura, chutes que faziam a fama de Norris como lutador de Karatê. Mas em 6 meses de treino o Pequeno Dragão conseguia fazer todos os chutes altos e saltos.<sup>34</sup>

Se a identidade de Lee já era, pelas circunstâncias dadas de nascimento e criação, uma identidade múltipla, móvel e migrante, a corporeidade de Lee passou a expressar também um sincretismo marcial jamais visto nas telas ocidentais. Esse corpo desestabilizador empenha-se em investigar e sistematizar os movimentos mais eficientes em técnicas de combate corpo a corpo até a criação da sua própria arte marcial, o Jeet-Kune-Do. Segundo Lee, sua arte marcial seria um sistema sem sistema, e seu exercício teria como meta “uma combinação de ambos: natural [*sic*] e controle”<sup>35</sup>, o que tornaria a performance deste ser humano uma “não-naturalidade natural”<sup>36</sup>. Ou seja, Lee estava discutindo como o treinamento para a performance pode criar uma segunda natureza, em que o natural é na realidade produto de um autocultivo.

29 “Here I am as a human being, how can I express myself?” (Tradução nossa). Citação de Lee na entrevista com Pierre Berton (Lee; Berton, 1971).

30 Lee na entrevista com Pierre Berton (Lee; Berton, 1971).

31 “To me, honestly, martial arts is expressing oneself” (Tradução nossa). Citação de Lee na entrevista com Pierre Berton (Lee; Berton, 1971).

32 “all type of knowledge means self knowledge... ask me teach how to defend themselves express themselves through some movement” (Tradução nossa). Citação de Lee na entrevista com Pierre Berton (Lee; Berton, 1971).

33 “Addicted to training” (Tradução nossa). Entrevista de Chuck Norris. Arsenio Show <<https://www.youtube.com/watch?v=EygfzOREYXM>>

34 Entrevista de Chuck Norris. Arsenio Show <<https://www.youtube.com/watch?v=EygfzOREYXM>>

35 “A combination of both natural and control...” (Tradução da autora). Citação de Lee na entrevista com Pierre Berton (Lee; Berton, 1971).

36 “[...] natural unnaturalness” (Tradução nossa). Citação de Lee na entrevista com Pierre Berton (Lee; Berton, 1971).

## O Tao nas Telas

*Esvazie sua mente, seja a não-forma, a não-delineação, como a água. Então, você coloca a água num copo, ela torna-se o copo, coloque-a numa chaleira, ela torna-se uma chaleira... A água pode fluir ou escorrer, ou gotejar ou bater. Seja água, meu amigo!*<sup>37</sup>  
Li Tsung - Bruce Lee

Esta é uma fala da personagem Li Tsung, interpretada por Lee na série televisiva norte-americana *Longstreet* (1971–1972). Na cena, Tsung dá uma lição de como lutar a personagem Mike Longstreet (James Franciscus), um investigador de seguros que fica cego após um atentado. Os quatro episódios de que Lee participa como estrela convidada foram uma potente divulgação da arte marcial criada por ele, o Jeet-Kune-Do. Seu interesse em usar filmes de ficção para divulgar ideais e práticas sobre as artes marciais é apontado por amigos e colegas atores.<sup>38</sup> Nesta série, a promoção do Jeet-Kune-Do pode ser observada nas circunstâncias dadas e no didatismo dos diálogos entre os personagens Li Tsung e Mike Longstreet, os quais apresentam desde o significado do nome cantonês, *the way of the intercepting fist* (o caminho do punho que intercepta), até uma abordagem não ortodoxa do ensino de uma arte marcial.



Cena seriado *Longstreet*. Li Tsung (Bruce Lee) treina Mike Longstreet (James Franciscus). Na imagem observamos os atores exercitando o Chi Sao que é originalmente uma das principais práticas do estilo Wing Chun<sup>39</sup>

Li Tsung dá suas lições no jardim de Mike, dispensando estruturas formais como *Dào chǎng*, o espaço escolar de treinamento; as insígnias (uniformes, faixas) e os rituais hierárquicos entre mestre e discípulos (gestos e palavras da etiqueta marcial). O treino ignora também os tradicionais *katis* de Kung Fu, ou seja, as sequências-coreográficas de movimentos de ataque e defesa. Li Tsung enfatiza o combate de mãos livres (*sparring*), o desenvolvimento da força e a intenção de ataque usando manoplas para treinar

<sup>37</sup> “Empty your mind! Be formless, shapeless, like water. Now, you put water into a cup, it becomes the cup, put it into a teapot, it becomes the teapot. Now, water can flow, or creep, or drip or crash. Be water, my friend” (Tradução da autora) Fala do personagem Li Tsun, interpretado por Bruce Lee. Primeiro episódio “The Way of the Intercepting Fist”. Série televisiva estadunidense *Longstreet*. (1971) (EUA-ABC). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6R3BkPhfV6Y>>

<sup>38</sup> Conforme entrevistas concedidas por ex-alunos de Bruce Lee no documentário da BBC *The Greatest Martial Arts Genius of All Times*. BBC Documentary. <<https://www.youtube.com/watch?v=jou7zPIFufA>>

<sup>39</sup> <<http://www.bruceleespain.com/pics/longstreet24.jpg>>. Acesso em 06 dez. 2015.

chutes, socos e cotoveladas e o desenvolvimento da sensibilidade de ação e reação usando a técnica chamada em inglês de *sticky hands*<sup>40</sup> (em chinês, *chi sao*).

O cenário do jardim sugere uma atmosfera de casualidade do momento de ensino — enquanto as lições acontecem, outros personagens, como a empregada, o cachorro-guia e os amigos de Mike transitam pelo espaço, observam o treino e comentam a situação —, uma visibilidade pouco ortodoxa nas escolas de artes marciais de origem asiática. A sugestão do espaço aberto, sob o céu do dia e preenchido de plantas, evoca também uma imersão num mundo mais natural e imprevisível. Na primeira lição de Jeet Kune-Do, Li Tsung movimenta-se ao redor do homem cego e pede para que ele perceba onde Tsung está e como está se movendo. Diante do fracasso e da impaciência de Mike, Li Tsung diz:

Você não ouve o pássaro? Se você não consegue ouvir o pássaro, você não conseguirá ouvir seu oponente.<sup>41</sup>

A cena é construída para realçar uma premissa: antes de aprender a lutar contra seus inimigos, Mike deve abrir-se para perceber todos os estímulos do ambiente à sua volta. Só ao entender-se como parte do ambiente, poderá mover-se e conseqüentemente dominar a situação. O treino marcial torna-se um processo de autoconhecimento.

O idealizador, roteirista e produtor executivo da série, Sterling Silliphant<sup>42</sup>, era aluno de artes marciais de Lee e tinha um interesse pessoal em criar um personagem e estruturar alguns capítulos da série para promover seu mestre e sua nova arte marcial. Ao assistirmos às entrevistas e aos filmes de Lee, temos a impressão de que as ideias da personagem Li Tsung se misturam com sua persona. Muito provavelmente as falas têm a colaboração de Lee. Seria o caso da frase memorável “*be water, my friend*” [seja água, meu amigo] supracitada. Lee foi estudante de filosofia da *University of Washington* e chegou a dar palestras sobre filosofia chinesa em ambientes acadêmicos (Lee, 1989). Durante um teste de elenco em Hollywood, em 1964, o entrevistador pediu a Lee que explicasse o que era para ele o Kung Fu. Lee, olhando para o olho da câmera respondeu:

Bem, [sobre] o Kung Fu... o melhor exemplo... seria um copo d'água.  
Por quê?  
Porque a água é a substância mais macia presente no mundo.  
Mas, ainda assim, ela pode penetrar a pedra mais dura ou quaisquer outras coisas, granito, ferro... que você nomeie.  
A água também é insubstancial, com isso eu quero dizer que você não pode pegá-la ou segurá-la.  
Você não pode socá-la ou machucá-la.  
Então, todo homem [praticante] de Kung Fu está tentando fazer isso... ser tão macio e flexível quanto a água... e [ser capaz] de adaptar-se ao oponente.<sup>43</sup>

40 Para ver a demonstração desta técnica, assista ao vídeo *Very Good Wing Chun Sticky Hand Technique with Sifu Chow*. Do canal “Wingchun Kuen”.

41 “You don't hear the bird you cannot hear your opponent” (Tradução nossa). Fala do personagem Li Tsun, interpretado por Bruce Lee. Primeiro episódio “The Way of the Intercepting Fist”. Série televisiva estadunidense *Longstreet*. (1971) (EUA-ABC). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6R3BkPhV6Y>>

42 Informações a partir de entrevistas concedidas por ex-alunos de Bruce Lee no documentário da BBC *The Greatest Marcial Arts Genius of All Times*. BBC Documentary. <<https://www.youtube.com/watch?v=jou7zPIFufA>>

43 “Well, Kung Fu... the best example would be a glass of water. Why? Because water is the softest substance in the world. But yet, they [sic] can penetrate the hardest rock or anything grand iron [sic]... you name. Water also is insubstantial, by that I mean you can not grasp or hold it. You can not puch it and hurt it. So every Kung Fu man is trying to do that to be soft like water and flexible and adapt itself [sic] to the opponent”. (Tradução nossa). Teste de elenco: “Confident 24 year old Bruce Lee interview of Hollywood in 1964” <<https://www.youtube.com/watch?v=hKKJ-rMcVb0>>

Para os fãs do ator Lee, trata-se de um material precioso. Antes da persona pública existir, vemos um jovem ator demonstrando suas habilidades, seu conhecimento e sua carisma para conseguir um papel na disputada indústria cinematográfica hollywoodiana. No teste, hoje disponível na web, o jovem Lee exibia seus conhecimentos em artes marciais, em ópera cantonesa e, o mais intrigante, na filosofia Taoista<sup>44</sup>. Se olharmos a obra clássica da filosofia Taoista, o *Tao Te Ching*<sup>45</sup>, podemos sugerir que a fala do Pequeno Dragão inspira-se na seguinte passagem:

Sob o Céu  
Nada é mais suave e brando que a água  
No entanto, para atacar o que é rígido e duro  
Nada pode se adiantar a ela  
Nada pode substituí-la

Assim  
A suavidade vence a força  
O brando vence o duro  
Sob o céu  
Não há quem não o saiba  
Não há quem possa praticá-lo

Por isso o Homem Sagrado disse:  
Aceitar as impurezas do reino  
Chama-se reger o cereal e a terra  
Aceitar  
as desventuras do reino  
Chama-se reinar sob o céu  
As palavras corretas parecem contrárias. (Tsé, s/d, p. 81).

Em 2001, foi publicado *Bruce Lee: Artist of Life*, livro que reúne vários manuscritos produzidos por Lee no início da década de 1960. São poemas, cartas, depoimentos sobre a prática do Jeet-Kune-Do e inúmeros ensaios e artigos acadêmicos sobre temas da filosofia e da psicologia ocidental e oriental que conectam o Kung Fu ao Tao. Alguns ensaios explicitam no título a argumentação tecida ao longo do texto sobre a conexão entre a prática marcial e a filosofia Taoista, “The Tao of Gung Fu: a study of the way of the Chinese martial arts” [O Tao do Kung Fu: um estudo do caminho das artes marciais chinesas]. Outros textos mergulham em conceitos específicos da filosofia Taoista como o “yin-yang” em “Yin-Yang” (Lee; Little, 2001, p. 45–46), e a ideia de “não-ação” em “Wu Wei (Non-Action)” (Lee; Little, 2001, p. 50–51). Dentre mais de cem textos organizados nessa coletânea, interessante ressaltar que, além das áreas de estudo mencionadas acima, Lee refletiu sobre a arte do ator — uma prática que ele mesmo estava imerso. No breve texto “What Exactly Is An Actor?” (Lee; Little, 2001, p. 217), o ator é o objeto de elucubrações sobre uma temática recorrente na filosofia ocidental: o controle das paixões.

## O Pequeno Dragão de Água

O que torna a produção de Lee fascinante, a meu ver, é como ideias de origem chinesa chegaram, nas décadas de 1970 e 1980 e por meio da performance de um

44 <<https://www.youtube.com/watch?v=hKKJ-rMcVb0>>

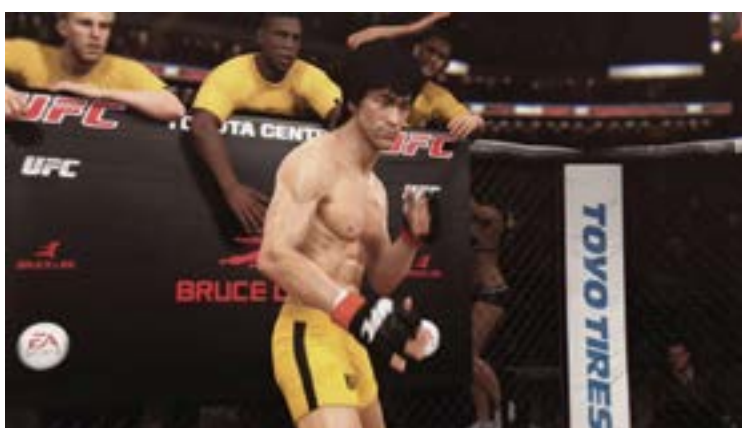
45 Obra de origem incerta. Segundo a lenda mais divulgada, o *Tao Te Ching* teria sido escrito por Lao Tsé no século VI a.C.

ator, a lugares tão remotos quanto Pitangui. Num contexto católico e de ditadura militar, plateias exclusivamente masculinas apreciavam imagens do Pequeno Dragão projetadas na tela do decadente cinema de rua. Meu irmão adolescente, acompanhado de seus melhores amigos, saía da sala de exibição em ruidosa euforia imitando os gestos e os gritos marciais daquele herói infalível de identidade fluida.

Entretanto, não esqueçamos que o binarismo de gênero definia a possibilidade ou impossibilidade da apreciação dos filmes de “sexo e Karatê” na maioria dos cinemas brasileiros naquela época e, diferentemente da experiência daqueles meninos ou da contemplação ociosa do *flâneur*, meu caminhar pelas ruas e vielas da cidade era limitado pelo tempo do relógio, pelo propósito de ir à escola e pela minha condição social de menina e de filha de operários. Por outro lado, mesmo coibida de assistir àqueles filmes, as imagens impressas nos pôsteres do icônico Dragão escorriam pelas portas do cinema para dentro dos meus olhos. Como a estátua do corpo do Cristo crucificado me suscitava gestos de devoção, a fotografia de Lee me fazia baixar os olhos depois de ver suas costelas marcadas, seus músculos tesos e suas veias saltadas em uma atitude de ira marcial. Era uma imagem que me causava estranheza, que me desestabilizava e provocava uma euforia contida.

Rememorar hoje essas sensações diante de um ser heroico reiterado e reinventado em incontáveis histórias na web me faz constatar o poder do ator na criação de imagens e narrativas. O que me leva a intuir que Lee criou o corpo do Pequeno Dragão de uma substância tão macia e flexível capaz de minar pelas frestas da Ditadura Militar, do arraigado catolicismo mineiro e da indústria hollywoodiana.

Há, a meu ver, um devir, um processo de tornar-se que se instaura a partir da morte de Bruce Lee, em 20 de julho de 1973. Talvez, quando Lee perdeu a sua forma encarnada — seu corpo matéria — a sua imagem presentificou-se em algo “insubstancial”, ou seja, a imagem do ator multiplicou-se e multiplica-se em corpos virtuais de personagens em *animes*, *mangas*, *games* e incontáveis produções fílmicas no Ocidente e no Oriente. O ícone do Pequeno Dragão flui livremente... como água...



O corpo virtual do personagem Bruce Lee, do game “EA UFC (PS4): Bruce Lee vs Urijah Faber (Featherweight) 5 Rounds - Toyota Center”<sup>46</sup>

46 Fonte: <[https://i.ytimg.com/vi/2r\\_ctXCd7p4/maxresdefault.jpg](https://i.ytimg.com/vi/2r_ctXCd7p4/maxresdefault.jpg)>. Acesso em: 11 mar. 2016.

## Referências

BOWMAN, Paul. “Was Bruce Lee Chinese, or American, or British, or What?”. 2016. Disponível em: <<http://martialartsstudies.blogspot.com.br/2016/01/was-bruce-lee-chinese-or-american-or.html>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

Bruce Lee Foundation. Página: “Biography”. Disponível em: <<http://www.brucelee-foundation.com/index.cfm/pid/10585>>. Acesso em: 10 set. 2015.

CHU, Robert; RITCHIE, Rene; WU, Y. *Complete Wing Chun: The Definitive Guide to Wing Chun’s History and Traditions*. Boston: Tuttle Publishing, 1998.

*Enter the Dragon*. Direção: Robert Clouse. Roteiro de Michael Allin. Golden Harvest, Warner Bros., Concord Productions Inc. Hong Kong e EUA, 1973.

*Fist of Fury*. Direção: Wei Lo. Golden Harvest Co. Hong Kong, 1972.

FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. Translation: Alan Sheridan. New York: Vintage Books, 1995.

“Heroes and Icons of the 20th Century”. Time Magazine. June 14, 1999. v. 153. n. 23. <<http://content.time.com/time/magazine/0,9263,7601990614,00.html>>

“I See’, Said the Blind Man”. Episódio n. 10. Série televisiva Longstreet. Direção: Leslie H. Martinson. Roteiro: Sandor Stern. Emissão televisiva original em 18 nov. 1971, EUA. Distribuição ABC/EUA. 1971.

*Kung Fu Wing Chun*. Direção: Tung Cho ‘Joe’ Cheung. Seasonal Film Corporation. Hong Kong-China, 2010.

LEE, Bruce; BERTON, Pierre. *Bruce Lee: The Lost Interview*. The Pierre Berton Show. Canada, 1971. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M7i-M1HVGKs>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

LEE, Bruce; LITTLE, John. *Bruce Lee: Artist of Life*. Boston: Tuttle Publishing, 2001.

LEE, Linda. *The Bruce Lee Story*. Santa Clara: Ohara Publications, 1989.

NORRIS, Chuck. Entrevista. Arsenio Show. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EygfzOREYXM>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SHAHAR, Meir. *O Mosteiro de Shaolin: História, Religião e As Artes Marciais Chinesas*. Tradução: Rodrigo Wolff Apollini/Rodrigo Borges de Faveri. São Paulo: Perspectiva, 2011.

STOCK, Francine. *In Glorious Technicolor: A Century of Films and How It Has Shaped Us*. London: Chatto & Windus, 2011.

*The Big Boss*. Direção: Wei Lo. Golden Harvest Co. Hong Kong, 1971.

*The Grandmaster*. Direção: Wong Kar-wai. Block 2 Pictures. Hong Kong - China, 2013.

*The Greatest Marcial Arts Genius of All Times*. BBC Documentary Channel. BBC, UK, 1989. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jou7zPIFufA>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

*The Green Hornet*. Série televisiva. Criação: George W. Trendle. 20th Century Fox Television e Greenway Productions. EUA, 1966-1967.

*The Way Of The Dragon*. Direção: Bruce Lee. Concord Productions Inc., Golden Harvest Co. Hong Kong, 1972.

“*The Way Of The Intercepting Fist*”. Episódio n. 1. Série televisiva Longstreet. Direção: Don McDougall. Roteiro: Stirling Silliphant. Emissão televisiva original em 16 de setembro de 1971, EUA. Distribuição ABC/EUA. 1971. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6R3BkPhfV6Y>>. Acesso em: 12 set. 2015.

TSE, Lao. Tao Te Ching: *O Livro do Caminho e da Virtude*. Capítulo 78. Tradução: Mestre Wu Jyn Cherng. Rio de Janeiro: Sociedade Taoista do Brasil, sem data de publicação. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/le000004.pdf>>. Acesso em 13 de julho de 2015.

VELOSO, Caetano. *Um Índio*. Disco: Doces Bárbaros – Ao Vivo. Philips. Brasil, 1976.

X, André; BILAPHRA, Jander. *Sexo e Karatê*. Disco: O Concreto já Rachou. EMI. Brasil, 1985.

*Yip Man*. Direção: Wilson Yip. Beijing ShenShi HuaRei Film. Hong Kong - China, 2008.

ZARRILLI, Philip. “*Three Bodies of Practice in a Traditional South Indian Martial Art.*” *Social Science and Medicine* 28.12 (1989): 1289-309.

Recebido em: 18/10/2015

Aprovado em: 21/04/2016